



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

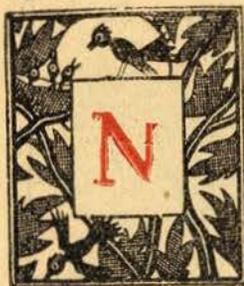
O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡



MASCARADOS

POR GRACIETTE BRANCO
Desenhos de CASTANE



AQUELA tarde chuvosa, o Carlitos tinha descido ao jardim para colher orvalhadas violetas e espreitar, pelas grades que contornavam a casa, as máscaras furtivas que passavam na rua.

Toda a ânsia de Carlitos, daquele coraçozito lindo de seis anos, daquela imaginaçãozinha ardente, consistia em gosar o Carnaval, em sentir o Carnaval, em ver o Carnaval

nas mais pequenas manifestações, — numa simples serpentina, rasgada a meio, bamboleando-se numa janela em frente, num «confetti» escondido na calçada, na enfarinhada cabeça dum garoto...

Mas, o seu mais vivo desejo, a sua mais secreta aspiração, era mascarar-se, mascarar-se fôsse lá do que fôsse, brincar, intrigar sem que o reconhecessem.

A sua carita anciosa, entalada no gradeamento de ferro, deitava ávidos olhares pela rua adiante.

De repente, miseravelmente vestido, surge um garotinho pobre, o Tónio, que vem pedir-lhe pão.

O olhar de Carlitos iluminou-se. E, abrindo-lhe o portão, perguntou-lhe, anciosamente:

— «Olha lá: tu queres mascarar-te?»

— «O' menino!!... Eu tenho lá com quê! O Carnaval não se fez para os pobres».

— «Pois estás enganado que eu, a-pesar-de rico, não me divirto nada».

— «Ah! Mas porquê?»



— «Ora! Porque os meus Pais não me deixam! Dizem que é feio, que é estúpido, que é inferior brincar o

Carnaval...! Mas... se tu quizeres, podemos-nos divertir um bocadinho...»

— «Como?! Diga lá!»
— «Muito simplesmente. Tu vestias o meu fato e eu vestia o teu. Queres?»



— «Oh! Se quero, menino! Que alegria ver-me bem vestido, mesmo por pouco tempo! Que farto eu estou de andar metido nestes farrapos, que, longe de agasalharem, são cheios de janelas por onde me entra tanto frio, tanto!»

— «Então, vá! Despe-te, que eu faço o mesmo.»

E, rapidamente, Carlitos troca, pela esburacada roupa-pão do garoto, o lindo fatinho de veludo preto com gola e punhos de ótimo «guipure».

O Tónio está doido de contente!

— «Eh, menino! Se a minha mãe me visse agora! Que lindo fato! Que bom que é ter dinheiro!»

— «Então, anda! Mostra-lho, que eu vou ver que cara me fazem os meus Pais quando me virem assim.»

E, deitando a correr para o interior do jardim, deixou espantado o garotinho pobre, que, por sua vez, deitou a correr para casa.

Na sala de costura, a mãe de Carlitos bordava, junto à larga janela, por onde entrava uma língua de claridade. Era uma linda colcha, em bordado antigo, para o leito de Carlitos, que as carinhosas mãos da mamã, pacientemente teciam.

Surrateiro, Carlitos apareceu entre portas sem ser visto, foi andando com os pezinhos descalços no sobrado, sem que o mais pequeno ruído se ouvisse...

E as lindas mãos da mamã, vão matizando a colcha do Bêbê, para que, até a sonhar, o seu disvelo o cubra, no carinhoso trabalho a que está dando toda a sua alma.

Mas, numa vozinha fingida, trémula de riso, Carlitos cortou o silêncio da sala:

— «Uma esmolinha pelo amor de Deus...»

Ao dar, de choque, com o seu Carlitos em tão miserável estado, a mamã ergueu-se, perguntando-lhe estupefacta:

— «O que é isto, Carlitos? Como estás vestido? Mas o que é isto?»

Quebrando-se em gargalhadas e saltando-lhe ao pescoço, o Carlitos exclama, aureolado por alegria sem limites:

— «O' rica mamã! Olha: eu queria mascarar-me. Veio um póbrezinho pedir esmola e trocámos os fatos. Estou tão engraçado, não estou? Pareço um garotinho a valer, pois pareço?»

Mas a mamã é que não estava a achar graça nenhuma à brincadeira...

— «Ora esta, Carlos! O menino é louco! Isso é coisa que se faça?!»

Se lhe tivesse dado um fato seu, como esmola achava muito bem, mas um disparate destes, nunca poderei perdoar!»

— «Perdão, rica mãezinha! Pois bem sabes que também tenho direito a brincar o Carnaval como os outros meninos! Não te zangues comigo!»

Eu tenho tantos fatinhos, tantos, tantos, tantos...»

E, vencida pela chuva de beijos com que a inundava o pequenino querido, a boa mamã, já convencida, exclama, enchendo-o, também, de beijos!»

— «Graças a Deus, meu filho!»

A casinha de Tónio, ou melhor, a sua pobre choupana, ficava um pouco distante da casa do menino rico, e, por isso, ele levava muito tempo, a correr, primeiro que lá chegasse.

A mãe, a pobre Ti'Engrácia, passava uns trapos junto do escasso lume onde ardiam uns denegridos troncos, que, de madrugada, traziam do pinhal, com licença do generoso proprietário.

De súbito, a figurinha gentil de Tónio, aparece, de vagarinho à porta, mas, como umas carumas tivessem estalado à sua passagem, a Ti'Engrácia volta-se, dando, de choque, com ele.

A tarde ia escurecendo cada vez mais e Ti'Engrácia não lhe reconheceu, de pronto, as feições.

Vendo um menino tão ricamente vestido, ergueu-se, cheia de respeito, perguntando na sua doce e simpática voz, com dolorosa tristeza:

— «Viva, meu príncipe! O que o trás a esta sua pobre casa?»

Mas, de repente, vendo-o desatar a rir, em loucas gargalhadas, a Ti'Engrácia recua, gritando, cheia de espanto e surpresa:

— «Eh, Tónio! Pois és tu? Ah, filho da minh'alma! Mas de quem é esse fato tão lindo? Anda cá filho! Quem to deu? Como foi?»



— «Não, mãe, ninguém mo deu, respondeu Tónio com a voz subitamente triste. Fui eu que pedi esmola ao menino da quinta do Cruzeiro e depois ele disse-me que se queria mascarar mas que os Pais o não deixavam. Pede-me, em seguida, para trocarmos os nossos fatos e foi a correr mostrar-se, vindo eu para aqui.»

Muito triste, com um nó na garganta quase a desatar-es em lágrimas, a mãe de Tónio, apertando-o muito ao peito, disse-lhe apenas:

Versos de Santa-Rita

QUEM NÃO QUIZER SER URSO NÃO LHE VISTA A PELE...

Desenhos de Castañé



1 — O Zé Maria Fonseca sua esposa e seus dois filhos que são levados da breca e armam às vezes sarilhos,

2 — resolveram mascarar-se. Após grande reboiço, cada qual põe seu disfarce, enfiando no touço,

3 — uma cabeça de fera, sarapilheiras e sacos; ela a fingir de pantera e os pimpolhos de macacos.



4 — Para pregarem um susto a quem os visse — (era lógico) — resolvem, sem grande custo, entrar no Jardim Zoológico.

5 — Uma vez dentro do parque, caminham a passo lento, para que a partida marque um grande acontecimento.

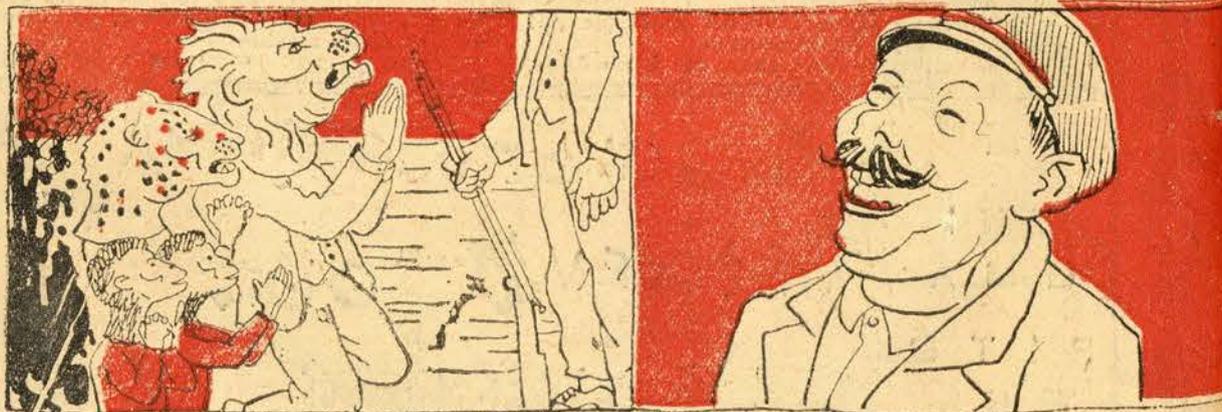
6 — Uma enorme multidão olha, em frente duma jaula, um verdadeiro leão e dois tigres de Bengala.



7 — Nisto, olhando para o lado, a multidão, junto aos ferros, vê o grupo mascarado e desata em altos berros.

8 — Rindo baixo, os mascarados, pulam e correm em volta dos visitantes, que, aos brados, cuidam ser feras à solta.

9 — Entretanto, surge um guarda que ouvindo tal gritaria, aparece de espingarda, a fazer-lhes pontaria.



10 — Logo os quatro mascarados, atrapalhados deveras, começam, também aos brados, a gritar que não são feras.

11 — De joelhos e a dar gritos de medo, num calafrio, um leão, dois macaquitos e uma pantera, quem viu?!...

12 — A's gargalhadas, o guarda, aos vê-los em tal postura, pondo de lado a espingarda começa à descompostura;



13 — e diz-lhes: — «o meu amigo e os restantes mascarados irão ficar de castigo naquela jaula fechados;

14 — mas sem se desmascararem, notem bem, em caso algum; sob pena de apanharem um «balázio» cada um.

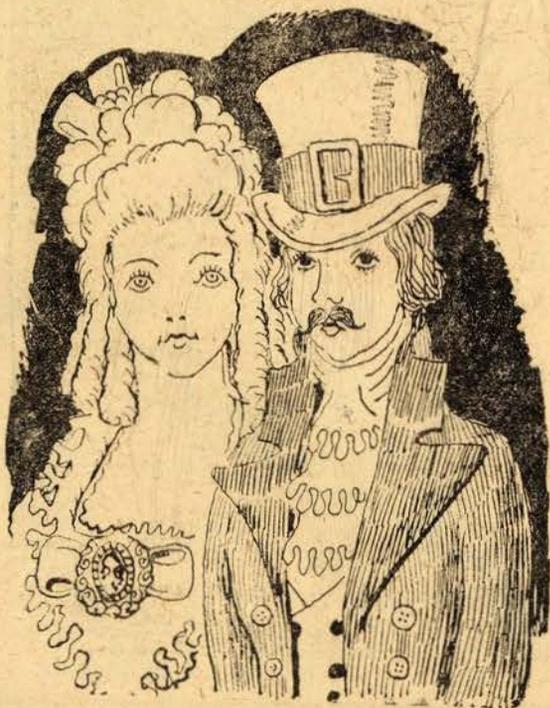
15 — Ante a ameaça de morte, Zé Maria aprova tudo, maldizendo a sua sorte e as brincadeiras de Entrudo.

A' MODA ANTIGA UM CONTRATEMPO

por AUGUSTO DE
SANTA-RITA

O Francisquinho Burguete,
diabrete
e mauzinho como as feras,
tem uma mana: — a Lizette,
quê tem juízo deveras;
êlé com dez primaveras
e ela sómente com sete:

Os seus papás que não vêem
nada mais que êstes petizes,
e nada há que não dêem
para os ver sempre felizes,
resolveram, outro dia,
levá-los às «matinéés»
duma parenta, uma tia
que em seus salões recebia,
mascarando os seus bébés
com trajos à antiga moda,
mil oitocentos e trinta.
Ela com saias de roda,
mangas com tufos e cinta,
cabeleira côr de laca
e sapatinhos com salto;
êlé de sobrecasaca,
de bigode e chapéu alto,



A figurinha simpática
de Lizette, rua fora...
faz lembrar uma senhora,
rica dama aristocrática;
e, de braço dado, êle,
com ar altivo e pimpão,
é tal qual um cortezão
dos tempos de D. Miguel.

Quem, na rua ou pela praça,
cruza, passa...
logo, ao vê-los, lhes exclama,
sorrindo com belo humôr:
— «Que graça!...
Que linda dama
e que senhor, que senhor!...»

* * *

Finalmente,
já chegados
à moradia
da tia,
em seus salões enfeitados
por balões e serpentinas,
entre ranchos de meninas
e meninos mascarados,
muita gente, muita gente
numa grande confusão,
a pequenina Lizette
e o Francisquinho Burguete
fazem grande sensação.

Vão, agora para a mesa
 todos num grande pagode!
 Que beleza,
 sôbre a mesa um grande bôlo!...
 E o Chiquinho todo tôlo
 vai retorcendo o bigode.

Sofregamente já comem
 rebuçados e pastilhas;
 de bigode e de patilhas
 Chiquinho parece um homem.

De olhos postos sôbre a mesa,
 ninguém, contudo, repara
 na sua engraçada cara
 com a expressão tão acesa,
 do menino gulotão.

Entretanto, — (ó que surpresa!) —
 Lizette fita o irmão
 e solta uma exclamação
 que causa grande estranheza,
 olhando e mirando, em vão,
 para debaixo da mesa:
 — «O teu bigode?! Çaiu?!!!!...»

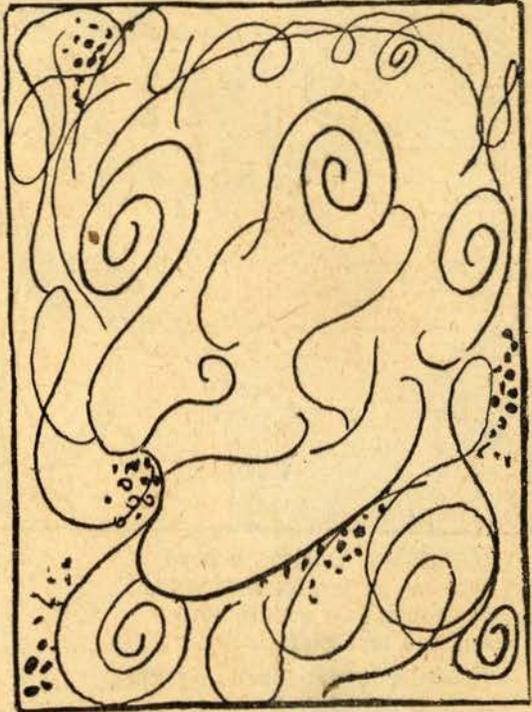
Responde Chiquinho, então,
 deveras encavacado:

— «Enguliu-o,
 com certeza,
 ao comer um rebuçado!»

F I M

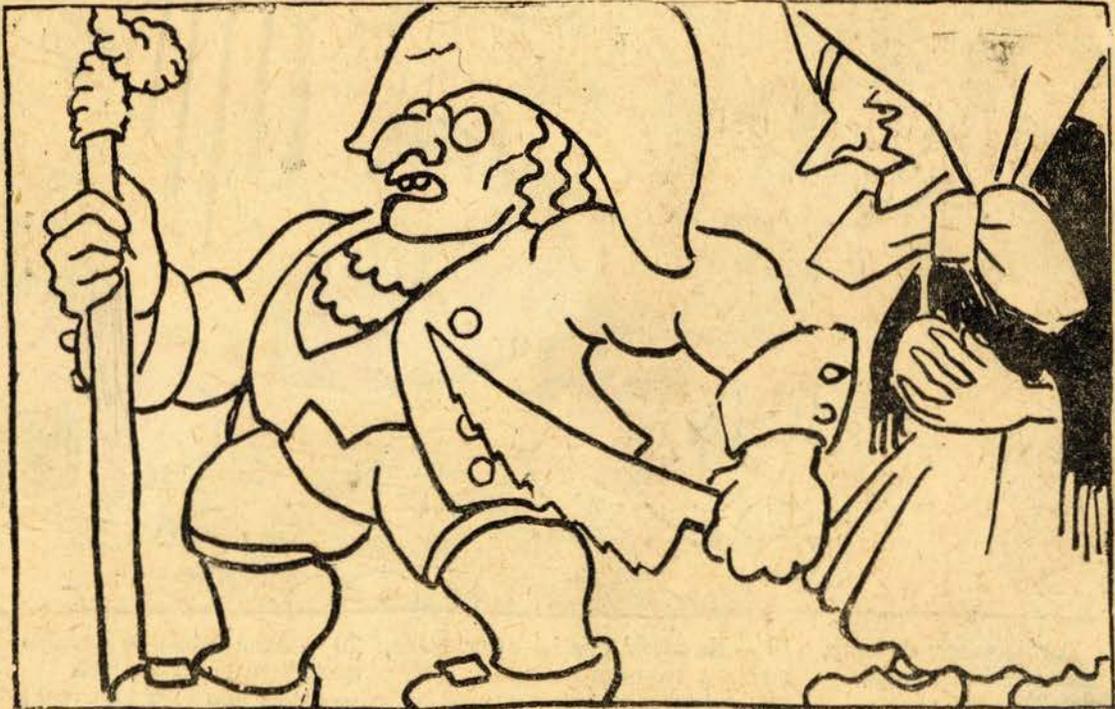
H O R A
 D E
 R E C R E I O

A D I V I N H A



Meus meninos: — Vejam se, entre es-
 tas serpentinas, descubrem onde se oculta
 um polichinelo.

Para os meninos colorirem





16 — Horas volvidas, o povo, voltando ao Jardim Zoológico, contempla êste quadro novo que não tem nada de lógico:

(Continuação da pagina 5)

17 — um leão limpando o pranto, ao lado duma pantera que soluça a outro canto e não tem nada de fera.



18 — Em liberdade de novo, terminando a mascarada, são seguidos pelo povo que lhes faz grande assuada.

19 — Na moral que há neste conto, meninos, reparem bem bem; pois existe, em certo ponto, no conceito que contém.

20 — Achá-la-hão no decurso deste meu longo aranzel: — Quem não quer vir a ser urso não deve vesttr-lhe a pele!